



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SIMONE RODRIGUES AMARO

**MULHER, TRABALHO E ENSINO SUPERIOR NO CARIRI
OCIDENTAL PARAIBANO.**

**SUMÉ - PB
2018**

SIMONE RODRIGUES AMARO

**MULHER, TRABALHO E ENSINO SUPERIOR NO CARIRI
OCIDENTAL PARAIBANO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador (a): Professora Dr^a. Sheylla de Kássia Silva Galvão.

**SUMÉ - PB
2018**

A485m Amaro, Simone Rodrigues.

Mulher, trabalho e ensino superior no Cariri Ocidental Paraibano.
/Simone Rodrigues Amaro. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

39 f.

Orientadora: Professora Dr^a Sheylla de Kássia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Mulheres e trabalho no Semiárido. 2. Mulheres e ensino
superior. 3. Cariri Ocidental Paraibano - mulheres. I. Título.

CDU: 305(043.1)

SIMONE RODRIGUES AMARO

**MULHER, TRABALHO E ENSINO SUPERIOR NO CARIRI
OCIDENTAL PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso
de Licenciatura em Ciências Sociais
do Centro de Desenvolvimento
Sustentável do Semiárido da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:

Sheylla de Kassia Silva Galvão

Professora Dr^a Sheylla de Kassia Silva Galvão
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG

Jéssica da Silva Vieira

Professora M^a Jéssica da Silva Vieira
Examinadora I – UACIS/CDSA/UFCG

Susana Rolim Soares Silva

Professora M^a Susana Rolim Soares Silva.
Examinadora II – UACIS/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 20 de dezembro de 2018.

SUMÉ - PB

Aos meus pais adotivos (*in memoriam*), Efigênia e Louro, que me deram todo amor, carinho e dedicação. Jamais esquecerei vocês.

À minha mãe Lourdes, sei do seu amor por mim, a amo muito.

À minha filha Ana Clara, sempre estarei ao seu lado, conte comigo.

A toda minha família, amigos e a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para realização desse trabalho e que fizeram parte da minha formação.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que é a força maior do universo. Que me fez vencer todos os obstáculos, e não me deixou perder a esperança de concluir minha graduação.

A esta instituição de ensino, como também seu corpo docente de modo especial aos professores que fizeram parte dessa caminhada acadêmica. No qual esse sonho não teria se tornado realidade.

A minha orientadora Dra. Sheylla de K. S. Galvão por todo carinho, atenção, pelas suas correções e incentivos nas horas de desânimo.

Aos meus familiares e amigos de modo especial ao irmão que a vida me presenteou Severino, obrigada por todo incentivo.

A pessoa com quem compartilho a vida, Alexandre e ao bem mais precioso, minha filha Ana Clara pelo amor incentivo e apoio.

Aos amigos que fiz na caminhada acadêmica de modo especial as que compartilharam comigo as alegrias e aflições Luana, Diana, Joyce e Shyrlene e Taciana, desfrutamos de muitos momentos marcantes.

As mulheres que tão prontamente se dispuseram a pesquisa, na qual pude obter êxito.

Gratidão!

“Para todas as mulheres que:...encontram a força nas suas fragilidades.....que conseguem sorrir quando a sua vontade é chorar.....que longe de encontrar soluções, arregaçam as mangas e criam oportunidades...

Memorável

Única

Linda

Humana

Especial

Radiante.”

(Virginia Marrachinho)

RESUMO

A inserção da mulher no mercado de trabalho possibilitou a mesma o exercício de novas ocupações da esfera produtiva, bem como a ocupação de posições no espaço público. No entanto, trouxe o acúmulo das funções laborais com papéis sociais tradicionalmente relegadas às mulheres como o cuidado da família e do lar. Assim, tornou-se um fenômeno específico da dinâmica feminina na modernidade o desempenho de dupla ou tripla jornada de trabalho. Desta forma, este trabalho tem o objetivo de analisar a inserção e permanência da mulher trabalhadora no Ensino Superior do Cariri Ocidental Paraibano e foi desenvolvido por meio de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa que utilizou o método de História Oral para coleta, tratamento e análise dos dados. A pesquisa foi realizada com onze (11) mulheres moradoras da região do Cariri Paraibano e teve como um dos principais critérios de seleção da amostra o fato de ser ou ter sido casada, ter filhos e trabalhar fora de casa. Os resultados obtidos através dos dados revelam que não é uma tarefa nada fácil para a mulher conciliar trabalho, estudos e afazeres domésticos. Porém, que ao mesmo tempo não se trata de algo impossível. Esse trabalho pretende refletir sobre o ingresso de mulheres em um curso superior como forma de ascensão profissional e independência financeira.

PALAVRAS CHAVE: Mulher. Trabalho. Ensino Superior. Cariri Ocidental Paraibano.

ABSTRACT

The insertion of the women in the job market made possible the exercise of new occupations of the productive sphere, as well as the occupation of positions in the public space. However, it has brought the accumulation of labor functions with social roles traditionally relegated to women as the care of family and home. Thus, it became a specific phenomenon of female dynamics in modernity the performance of double or triple working day. So, this work has the objective of analyzing the insertion and permanence of the working woman in Higher Education in the Western Cariri Paraíba and was developed by means of a descriptive research, with a qualitative approach that used the Oral History method to collect, treatment and data analysis. The research was carried out with eleven (11) women dwellers of the region of Cariri Paraíba and had as one of the main criteria of sample selection the fact of being or have been married, have children and work outside the home. The results obtained from the data show that is not an easy task for women to reconcile work, studies and household chores. However, that at the same time it's not impossible. This work intends to reflect about the entrance of women into a higher education as a form of professional ascent and financial independence.

KEYWORDS: Woman. Job. Higher education. West Cariri Paraibano.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CDSA - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDH- Índices de Desenvolvimento Humano

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano por Município Pesquisado

MEC- Ministério da Educação

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PT- Partido dos Trabalhadores

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Mulheres com filhos – CDSA/2018.....	24
Gráfico 2 - Quantidade de filhos por mulheres– CDSA/2018.....	25
Gráfico 3 - Desenvolve alguma atividade remunerada – CDSA/2018.....	26
Gráfico 4 - Crescimento do índice de desenvolvimento Humano por município pesquisado - PNUD 2013.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.2	OBJETIVOS GERAL.....	13
1.2.1	Objetivos Específicos.....	13
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1	GÊNERO.....	14
2.2	GÊNERO E EDUCAÇÃO.....	15
2.3	GÊNERO E TRABALHO.....	18
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	21
3.2	LOCAL DE ESTUDO.....	22
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	23
3.4	TRATAMENTO A ANÁLISE DOS DADOS.....	23
3.5	POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA.....	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERENCIAS.....	34
	APENDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	37
	APENDICE B - Instrumento de Coleta de Dados.....	38

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar o processo de inserção e permanência das mulheres, especificamente as mulheres que trabalham e que são donas-de-casa, esposas e mães e que ingressam no Ensino Superior na região do Cariri Ocidental Paraibano, com o propósito de saber quais os desafios que essas mulheres enfrentam para concluir o Ensino Superior nessa região.

A temática aborda a vivência das mulheres em seu percurso acadêmico na graduação, conciliando a vida acadêmica com a vida doméstica e cotidiana, e ao verificar o alto grau de dedicação que a vida acadêmica exige, a qual demanda tempo exclusivo para realização das atividades que são indispensáveis ao cumprimento dos componentes curriculares, além de todos os esforços, renúncias, abstinências e demais sacrifícios que acompanham a vida acadêmica.

A vida cotidiana das mulheres também exige a necessidade de tempo, atenção e dedicação aos filhos, marido, casa e trabalho. Podendo haver impossibilidade de conseguir conciliar esses dois mundos.

De acordo com dados do Ministério da Educação (MEC) a trajetória da mulher brasileira na educação se deu de forma lenta. No período colonial a educação das mulheres era voltada exclusivamente para o lar. No século XIX começou com uma participação tímida nas escolas públicas, passando para uma presença significativa na docência do ensino primário, e hoje sua presença é majoritária em todos os níveis de escolaridade. (GODINO *et al.*, 2005, s.p.)

Em toda história as mulheres foram discriminadas, ficando à margem dos homens, elas não eram vistas como independentes capazes de caminhar com suas próprias pernas. As mulheres desde sempre foram tratadas de forma submissa aos homens, ainda lhes falta liberdade sobre seu corpo e sua vida, condições igualitárias no mercado de trabalho e na remuneração, entre outras tantas dificuldades atribuídas às mesmas.

[...] As mulheres são mais pobres, mais precárias, mais desempregadas, mais sujeitas à violência. Elas têm menos acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, menos acesso à formação profissional e técnica, embora desfrutem mais da educação hoje do que no passado. Elas têm menos acesso ao crédito e menos acesso à terra: a Marcha das Margaridas em Brasília, no dia 26 de agosto de 2003, denunciava entre outras discriminações, o fato de que apenas 12% das terras são de propriedade de mulheres. (COSTA *et al.*, 2004, p. 14)

Essa realidade esta cada vez mais distante, as mulheres estão buscando seu espaço na sociedade e conquistando sua independência financeira e seu direito de pensar por si só. As oportunidades aumentaram ao longo do tempo devido à luta dos movimentos de mulheres, que buscam romper com o mecanismo de exclusão e dominação dos homens como fala Sousa, (1999).

O movimento feminista trouxe a tona a discussão do pessoal enquanto aspecto político, denunciando a ideologia de gênero presente na educação nas relações de trabalho, nas artes, nos cuidados com o corpo, na socialização e em todas as formas de modelagem social. Foi a partir da organização das mulheres em escala mundial que foi possível descortinar e reivindicar a sua inclusão nas políticas públicas e na legislação brasileira, na condição de cidadãs, plenas de direito e deveres. (SOUSA, 1999. p. 4)

Ainda há muito para ser conquistado, mais graças a esses movimentos as mulheres aos poucos vão adquirindo força para lutar por seus direitos e por mais igualdade, dessa forma.

A identidade feminina é um projeto em construção e depende de um conjunto de direitos capazes de garantir as mulheres o exercício de uma plena cidadania, incorporando as diferenças sociais, econômicas étnicas, físicas, objetivas, políticas e ideológicas que caracterizam o universo feminino brasileiro. (SOUSA, 1999. p. 5)

A identidade feminina, assim como as demais identidades, está sujeita às mudanças que a sociedade contemporânea vem passando. Desta forma, ser mulher também é se adaptar às exigências da vida moderna, em que a conciliação do trabalho, com os afazeres domésticos possibilitam a ocupação dos espaços públicos, anteriormente relegados aos homens.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu por observar a vida social da mulher moderna, como consegue dar conta de tantas obrigações que tem que realizar no seu dia-a-dia, e quando essa mulher decide fazer um curso superior, quais as maiores dificuldades que essas mulheres enfrentam? Sabemos o quanto um curso superior demanda tempo e muita dedicação para um (a) jovem, solteiro (a) que ainda depende dos pais, imagine para uma dona de casa que além de dar conta de casa, marido, filhos e trabalho consigam êxito em seus estudos e na sua formação profissional.

Quando a mulher consegue chegar a um curso superior, se depara com as extremas exigências deste nível de ensino, o que as leva a acreditar que não são capazes de enfrentar essa realidade. Na verdade não é nada fácil conciliar a vida acadêmica com o cotidiano, digo isso por experiência própria como mulher que se enquadra nessas questões. Confesso que muitas vezes pensei em desistir, mas lembro do quanto eu sonhava em fazer uma graduação, e isso só foi possível com a chegada do Campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na nossa região.

Este trabalho deteu-se sobre a problemática da dupla ou tripla jornada de trabalho para a mulher do Cariri Paraibano que decide concluir uma graduação. Assim, partimos da seguinte questão de pesquisa para analisar o fenômeno em questão: De que forma as mulheres conciliam estudo superior e trabalho no Cariri Ocidental Paraibano?

1.2 OBJETIVO GERAL:

- Analisar o processo de inserção e permanência das mulheres no Ensino Superior no Cariri Ocidental Paraibano.

1.2.1 Objetivos Específicos:

- Verificar como as mulheres que são mães, esposas e que trabalham fora de casa conciliam a sua vida acadêmica com a vida cotidiana.
- Analisar quais as maiores dificuldades que enfrentam nessa dupla, tripla jornada;
- Identificar o que as mulheres almejam em concluir um curso superior;

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNERO

O estudo de gênero ainda é recente no meio acadêmico. Em algumas áreas as teorias de gênero ainda estão sendo introduzidas na tentativa de legitimar esse campo de estudo. Para alguns grupos de estudo o “estudo de gênero” é ainda pouco aceitável, pois acreditam que camufla o verdadeiro sujeito ou objeto a ser estudado que são as mulheres, como o caso das Relações Internacionais, por exemplo.

Para alguns desses grupos, talvez mais diretamente herdeiros da militância feminista, a denominação "estudos de gênero" é ainda pouco aceitável. Entendem que essa esconde aquela que é o seu verdadeiro sujeito/objeto de estudos (a mulher), já usualmente negada ou marginalizada numa ciência androcêntrica. As/os estudiosas/os do gênero - numa outra posição -têm então, não somente de buscar afirmar sua postura dentro o universo acadêmico mais amplo, como também, de certo modo, justificar-se diante de suas/seus companheiras/os. (LOURO, 1995, p. 102).

O conceito de gênero ganha terreno para os estudos das Ciências Sociais em geral. “O conceito surge então como uma ferramenta teórica que parece ser potencialmente fértil para os estudos das ciências sociais em geral, e, então, para os estudos da História e da História da Educação”. (LOURO, 1995, p. 103).

A idéia central de gênero surge com a escritora francesa Simone de Beauvoir em sua obra “o Segundo Sexo” publicado em 1949. E com o artigo da Norte Americana Joan Scott “Gênero: Uma categoria útil para Análise Histórica” que traz novas perspectiva ao conceito, que segundo a autora gênero é uma construção das relações sociais a mesma o define da seguinte forma: [...] “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” [...] (SCOTT, 1989, p. 21).

Assim, a esfera de poder por vezes se confunde com o espaço público decorrendo a necessidade de visualizar e situar a mulher no mesmo. Os estudos de gênero ou estudos feministas trouxeram à tona este viés.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997. P. 17)

As estudiosas feministas romperam muitas barreiras e a primeira delas como autora bem coloca é o fato das mulheres descobrirem que não são invisíveis, livrando-as da idéia de que o verdadeiro universo da mulher seja o mundo doméstico.

Nesta perspectiva, os estudos de gênero buscaram romper com o tabu da diferenciação sexual entre homens e mulheres como elemento de posicionamento social. Assim, o entendimento da categoria de gênero, como o sexo socialmente construído como afirma Scott, suplanta as características biológicas como forma de organização da sociedade.

[...] É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. [...] (LOURO, 1997. p.21)

A construção social dos sexos/gêneros vai variar de sociedade para sociedade e de acordo com as épocas históricas. A dimensão sexual atingiu outros patamares, inclusive incorporando questões da sexualidade e da transsexualidade no debate sobre a condição feminina atual. Desta forma, podemos observar que o tipo de orientação do Estado, se mais liberal ou mais conservador também influi nessa construção. Isso sem mencionar os Estados teocráticos, nos quais as poucas inserções das discussões sobre gênero giram em torno de questões que dizem respeito, apenas, às mulheres, haja vista que em alguns os transgêneros são renegados da sociedade e proibidos por lei.

2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO

Analisando como se deu a trajetória da educação da mulher no Brasil essa teve início no período Colonial, período esse marcado por diferentes concepções de educação para homens e mulheres, em que a educação das mulheres era limitada aos afazeres domésticos,

enquanto que a educação em si era destinada somente aos homens como fala RIBEIRO, (2000).

Durante 322 anos -de 1500 a 1822 -, período em que o Brasil foi colônia de Portugal, a educação feminina ficou geralmente restrita aos cuidados com a casa, o marido e os filhos. A instrução era reservada aos filhos/homens dos indígenas e dos colonos [...] (RIBEIRO, 2000. s. p.)

Nesse período da nossa história as mulheres eram tidas como completamente inferiores e com pouca importância. A sociedade da época estava preocupada em valorizar o homem, deixando de lado a mulher e suas necessidades. De acordo com a autora a mulher vivia reclusa destinada somente à procriação, tanto as ricas, pobres, brancas, negras escravas e indígenas não tinham acesso à arte de ler e escrever “O sexo feminino fazia parte do imbecilitus sexo ou sexo imbecil. Uma categoria a qual pertencia mulheres, crianças e doentes mentais”. (RIBEIRO, 2000, p. 2)

O período colonial era marcado pelo patriarcalismo e por um machismo exagerado, as mulheres não tinham escolha, eram forçadas a aceitarem todo tipo de exigências que lhes eram impostas por seus senhores e pela sociedade.

É importante ressaltar quem primeiro reivindicou a instrução feminina aqui no Brasil foram os índios, que consideravam a mulher uma companheira e não viam diferenças de oportunidade entre eles.

Entretanto, por ironia, a primeira reivindicação pela instrução feminina no Brasil partiu dos indígenas brasileiros que foram ao Pe. Manoel de Nóbrega pedir que ensinasse suas mulheres a ler e escrever. O Padre, sensibilizado, mandou uma carta à Rainha de Portugal, Dona Catarina, ainda no início da colonização, solicitando educação para as indígenas. (RIBEIRO, 2000).

Segundo LOURO, (2014) a mulher começa a ganhar espaço nas escolas normais que pretendia formar professores e professoras, mas os relatórios da época indicavam que a procura era maior das mulheres e que conseqüentemente estavam formando mais homens que mulheres e que cada vez mais os homens estavam evadindo das salas de aulas, dando origem a “feminização do magistério”.

A autora ainda relata que a princípio algumas pessoas eram contrárias a idéia das mulheres ficarem a frente da educação das crianças, por considerarem que as mulheres eram despreparadas, já para outros o magistério era tido como a extensão da maternidade por já carregar o extinto materno, fato que contribuiu para que seus salários se mantivessem mais

baixos, sobretudo por que caberia ao homem o sustento da casa, que era tido como um sinal de masculinidade.

As mulheres eram tidas como desviantes por terem um nível de instrução mais elevado ou por ganharem seu sustento como demonstra a autora:

Muito provavelmente mulheres que tomassem iniciativas que contrariassem as normas, que tivessem um nível de instrução mais elevado ou que ganhassem seu próprio sustento eram percebidas como desviantes, como uma ameaça aos arranjos sociais e à hierarquia dos gêneros de sua época. Vale lembrar ainda que, por muito tempo, a ignorância foi considerada como um indicador de pureza, o que colocava as mulheres não-ignorantes como não-puras. De certa forma elas escapavam à representação do senso comum sobre o ser feminino, escapavam da representação que detinha a autoridade para dizer o que era ser mulher. Isso poderia levá-las a uma outra representação: à de mulher-homem. (LOURO, 2014, p. 392).

Esses, sem dúvidas, são discursos contra a mulher, que ensinam que a mulher seja inferior ao homem dando força ao mais antigo e mais sólido de todos os preconceitos o da misoginia. A mulher sempre sofreu ao decorrer da história com preconceitos infundados que a cercam por todos os lados, sempre a desvalorizando e desprezando infundados pela própria sociedade, denominações muito antigas como “sexo frágil” que pertence a muitas sociedades que por vezes são defendidos pelas próprias mulheres, discursos conservadores e construções culturais.

O acesso e a participação tanto para as mulheres como para os homens ao Ensino Superior brasileiro depende de vários fatores, sobre isso as autoras ressaltam: “A distribuição desigual dos sexos pelas alternativas de formação, ao nível da escola média, torna bastante teórica a equidade de moças e rapazes na concorrência para o Ensino Superior”. [...] (BARROSO e MELLO, 1975, p. 49)

O que significa dizer que o acesso em ambos os sexos ao Ensino Superior na perspectiva de BARROSO e MELO (1975) se restringe a forma como são preparados, ou seja, se não há um ensino com orientação mais acadêmica terão maiores dificuldades de ingressar no Ensino Superior, segundo as autoras outro fator que impede o acesso são as barreiras de natureza econômica, no caso da mulher além desses fatores ela precisam superar os obstáculos de natureza psico-social, fator esse que quando não impedem que curse um ensino superior as delimitam a carreiras consideradas mais adequadas para elas.

2.3 GÊNERO E TRABALHO

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2015) Entende-se por afazeres domésticos a realização de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; Cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador (es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; Cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência. Consideraram-se na pesquisa as pessoas de cinco anos ou mais de idade, independentemente da sua condição de atividade e ocupação. Essas tarefas realizadas no domicílio de residência não se enquadram no conceito de trabalho. (IBGE, 2015, s. p.)¹

No que diz respeito a trabalho remunerado a PNAD considera como trabalho em atividade econômica o exercício de: Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) na produção de bens e serviços; Ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) no serviço doméstico. (IBGE, 2015, s. p.)

Observa-se que em nossa sociedade os afazeres domésticos são atividades essencialmente femininas seja qual for sua situação social ou que trabalhe ou não fora do lar. O trabalho doméstico realizado pela mulher no seu próprio lar não é considerado como trabalho, e sim como inatividade econômica pelo fato de não haver retorno econômico. Ao mesmo tempo em que essa atividade não é considerada como trabalho, a mesma passa a ser quando uma pessoa é contratada para essa finalidade, segundo a Lei n. 5.859 de 11/12/1972.

[...] Em nossa sociedade, os afazeres domésticos são tidos como responsabilidade da mulher, qualquer que seja sua situação social, sua posição na família e trabalhe ela ou não fora do lar. Quando esses afazeres são realizados pela dona-de-casa, no âmbito da família, eles não são considerados como trabalho e são computados pelas estatísticas como inatividade econômica. Entretanto, quando as mesmas atividades são realizadas por uma pessoa contratada para esse fim, mediante remuneração em bens ou espécie, elas passam a ser computadas como trabalho, sob o rótulo de serviço ou emprego doméstico. Ou seja, apesar de sua natureza semelhante, as mesmas atividades têm significado diferente para a economia, caso sejam realizadas como prestação de serviços remunerados, ou por alguém da família, em geral uma mulher, sem qualquer pagamento. [...] (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2000, p.70).

¹Dados disponíveis em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>

O que existe são atribuições socialmente definidas para homens e mulheres, delegando as mulheres a esfera reprodutiva e aos homens a esfera produtiva, ou seja, os cuidados com o lar, criação e educação dos filhos recaí sobre as mulheres, função esta de pouco prestígio e de pouco valor, enquanto que para os homens lhes cabe a função de provedor do lar a produção material, por vezes tida como função de prestígio.

Estudos, a exemplo de DEDECCA, (2004), comprovam que as mulheres dedicam a maior parte de seu tempo aos afazeres domésticos o que acarreta em um menor tempo livre para o trabalho remunerado o que de certa forma limita o seu desenvolvimento profissional. Já os homens dispõem de maior tempo de trabalho remunerado e menor tempo aos trabalhos considerados não pagos.

O menor tempo livre é observado para as mulheres e, em especial, para aquelas com filhos com até 15 anos. No caso dos homens, encontra-se um tempo econômico pago mais elevado e tempos não pagos e para organização familiar menos intenso. Situação inversa é encontrada para as mulheres. Essas possuem um tempo econômico pago menor, mas realizam jornadas mais extensas de trabalho não pago e na organização familiar. (DEDECCA, 2004. p. 30)

Essa situação muda de figura de acordo com o grau de escolaridade que a mulher atinge, ou seja, quanto maior a dedicação aos estudos mais essas mulheres diminuem as horas de dedicação aos afazeres domésticos como afirma BRUSCHINI (2006):

Observa-se também que o número de horas de dedicação aos afazeres domésticos diminui à medida que aumenta o nível de escolaridade. Enquanto mulheres com 12 anos ou mais de estudo (ou nível superior) trabalham em média 20 horas por semana em afazeres domésticos, aquelas com apenas 1 a 4 anos de estudo dedicam quase 29 horas e aquelas com 5 a 8 anos de estudo 27,2 horas. Entre os homens, o efeito da escolaridade também está presente, mantendo, porém, em todas as faixas, número de horas muito inferior ao das mulheres. (BRUSCHINI, 2006 p. 340-342).

O que significa dizer que não é que diminuam o tempo dedicado as essas tarefas e sim que tenham que abrir mão de parte do tempo dedicado a elas.

Segundo SOUSA (1999), cada vez mais aumenta o número de mulheres chefiando seus lares, ou seja, promovendo o sustento de sua família, isso se dá devido a uma serie de fatores, seja por divorcio, viuvez, solteirice entre outros. Com isso surge um novo conceito de família, segundo a autora “Esta nova condição faz surgir o conceito da família matrifocal,

diferenciando-se do termo matriarcado pelo fato do primeiro incorporar várias situações de organização familiar de modo flexível e menos hierarquizado do segundo conceito”. (SOUSA, 1999, p. 3).

Para BUTTO (1998), apesar da família contemporânea esteja dependendo cada vez mais do sustento da mulher, essa por vez permanece ganhando menos, nada foi feito por parte dos governantes para garantir direitos iguais no que diz respeito a sua remuneração.

[...] As mulheres continuam sendo tratadas com menores direitos e demandas que os homens, mesmo tendo uma inserção no mercado de trabalho cada vez mais permanente (já não se retira durante os anos de gestação, crescimento e cuidado com os filhos) e seus salários sendo cada vez mais essenciais para a sobrevivência familiar. (BUTTO, 1998, p. 76)

De certa forma o ingresso da mulher no mercado de trabalho não equilibra as funções atribuídas aos sexos, pelo contrário, as mulheres saem em grande desvantagem, sobretudo aquelas que dividem com o homem o sustento da família, visto que as mulheres assumem praticamente sozinhas as atividades do lar, visto que a participação dos homens nas tarefas do lar ainda é muito baixa.

Atualmente os homens já falam em ajudar ou dividir tarefas domésticas, mas ainda está longe a adoção de uma postura de co-responsabilidade com relação a manutenção da casa, no que diz respeito aos trabalhos domésticos, especialmente na conjuntura política atual do país desde 2016, quando a presidente Dilma Rousseff sofreu um golpe institucional através do expediente de Impeachment e seu sucessor, Michel Temer, instaurou um discurso de separação das atividades laborais entre homens e mulheres, afirmando que à mulher cabe o espaço doméstico, enquanto que ao homem o espaço público.

O mesmo discurso é reforçado pelo presidente eleito, Jair Bolsonaro, que defende que mulheres devam ganhar menores salários que os homens devido a sua condição reprodutiva, a gravidez.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPOS DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e utilização de técnica de entrevista estruturada como instrumento de coleta de dados, analisados à luz da História Oral.

História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (BOM MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 15).

Outra vantagem da utilização do método de História Oral é que ele permite transformar em textos escritos a fala dos entrevistados, convertendo-as em documentação e material científico, que pode ser utilizado por outros pesquisadores.

É um registro importante de uma população ou fenômeno, geralmente, pouco estudado ou valorizado.

Convencionou-se compreender a História Oral como a possibilidade de dar voz àqueles esquecidos pela Historiografia Tradicional. Em outras palavras, dar voz aos vencidos, aos oprimidos, ao outro lado da História.

Assim, é o caso desta pesquisa, dar voz, visualizar a problemática vivenciada por mulheres no Cariri Paraibano, diante de questões típicas da condição feminina no Brasil, ou seja, dar visibilidade aos problemas e angústias vivenciadas por mulheres que recentemente tiveram a oportunidade de ingressar no Ensino Superior e que tentam conciliar um modo de vida tradicional, no qual a mulher é relegada ao lar, ao ambiente doméstico, e essa “novidade”, ou exigência da contemporaneidade, em que a mulher ocupa o espaço público e, conseqüentemente, busca condições para a diminuição da desigualdade de gênero, especialmente na região.

3.2 LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa prioriza mulheres habitantes do Semiárido que estudam ou que já concluíram um curso superior no Campus universitário CDSA/UFCG que está localizado como seu próprio nome revela no Semiárido brasileiro, mais precisamente no município de Sumé – PB, localizado na microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, o município conta com 16.072 habitantes segundo o último censo (2010). Área territorial de 864 km².²

Segundo informações do website³ do CDSA o centro foi criado pelo Plano de Expansão Institucional da UFCG, com o intuito de democratizar o acesso a Universidade a toda população do Semiárido, para que tenham o direito a uma formação profissional de nível superior pública e de qualidade. Com a finalidade de desenvolver a região com novas perspectivas produtiva e educacional para a população local.

A instituição oferece educação superior nessa região com os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do país. O Campus desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão nas áreas de Tecnologia e Educação, duas áreas fundamentais para o desenvolvimento sustentável destas populações.

O CDSA atua na formação de professores e também na capacitação de profissionais, os cursos oferecidos são: Engenharia de Biosistemas, Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos, Engenharia de produção, Licenciatura em Ciências Sociais, Licenciatura em Educação do Campo, Superior de Tecnologia em Gestão Pública e recentemente foi contemplado com o curso de pós-graduação o Mestrado Profissional de Sociologia (ProfSocio).

Sem dúvidas a vinda do Campus foi uma grande conquista para a região, que além de trazer desenvolvimento trouxe à oportunidade às pessoas que não tem condições de pagar para se formar em um curso superior, principalmente para uma região tão vulnerável socialmente quanto esta.

²Dados disponíveis em: < <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sume.html>>

³ CDSA: <<http://cdsa.ufcg.edu.br>>

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Trata-se de uma amostra não probabilística definida pelo critério de acessibilidade. Desta forma, a amostra compõe-se de onze (11) mulheres que residem no cariri, mais precisamente nos municípios de Amparo, Serra Branca e Sumé. O principal requisito para as participantes é que estejam estudando ou que já tenha concluído o Ensino Superior no CDSA, que sejam donas de casa, casadas ou que tenham filhos, e que trabalhem fora de casa.

As entrevistas foram feitas de forma individual e autorizadas pelas pesquisadas por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garante o anonimato das mesmas.

3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho foi desenvolvido através de um roteiro de entrevista contendo 21 perguntas, no qual se divide em duas partes. A primeira parte diz respeito a perguntas relacionadas às questões socioeconômicas das entrevistadas de forma a traçar um perfil das mesmas. Enquanto, que a segunda parte é composta por perguntas pertinentes a pesquisa conforme modelo no Apêndice B.

3.5 POSICIONAMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Apesar da área de Ciências Sociais não ter, especificamente, um regimento ou regulamento de condução de pesquisas envolvendo seres humanos, esta pesquisa se baseou na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece regras para a execução de pesquisas envolvendo seres humanos na área das Ciências Humanas.

Portanto, além do projeto para execução desta pesquisas estarem balizado na supracitada Resolução foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi devidamente assinado pelas mulheres que concordaram em participar da pesquisa como elemento de confiabilidade para a pesquisa, conforme Apêndice A.

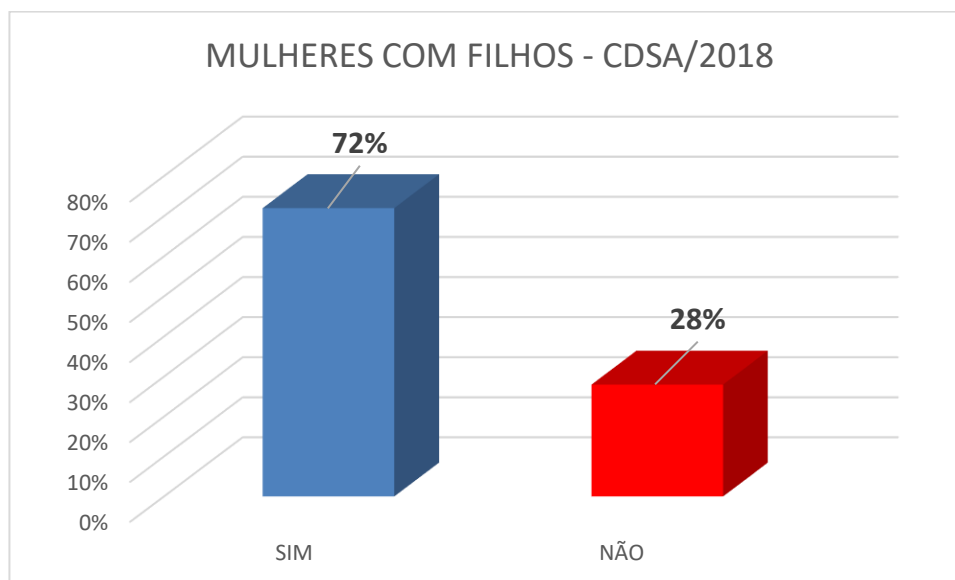
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente iremos categorizar a amostra, ou seja, traçar um perfil das entrevistadas para melhor compreensão do grupo pesquisado. Desta forma, passamos a ilustração dos dados a seguir, destacando o fato da amostra ser composta por mulheres na faixa etária de 22 a 49 anos de idade.

Como um dos critérios para a participação nesta pesquisa era estar casada ou ter sido casada para melhor caracterizar o compromisso com a dupla jornada de trabalho (dentro e fora do lar), a mostra foi composta por 90% das entrevistadas sendo casadas, enquanto 10% são viúvas.

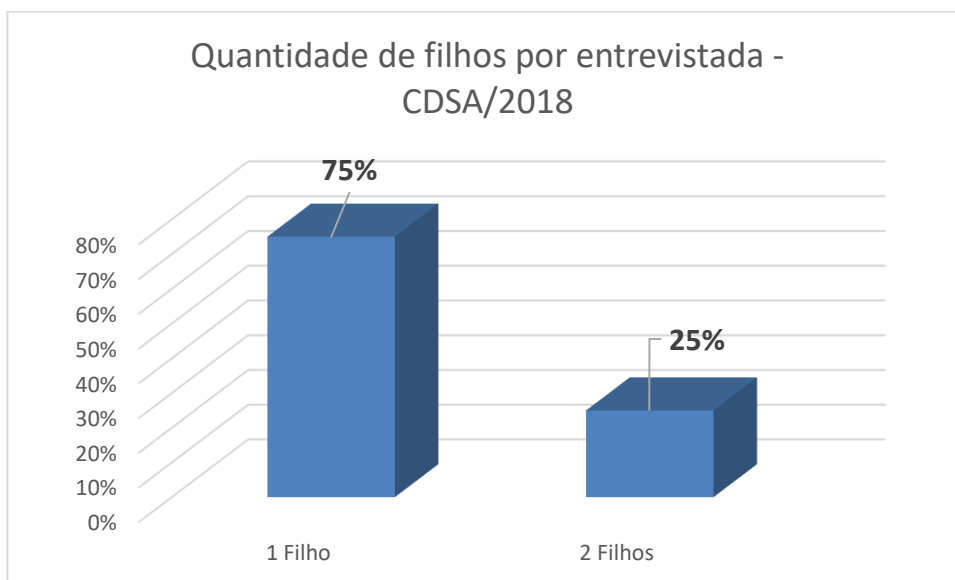
Todas moram com o conjugue e filhos, com exceção da viúva que mora com os filhos. Com relação ao fato de serem ou não mães, a amostra se caracterizou por 72% de mulheres com filhos contra 28% sem filhos, conforme representado no gráfico (1).

Gráfico 1 - Mulheres com filhos – CDSA/2018



Fonte: Dados da própria pesquisa

Destas 72% de mulheres entrevistadas que afirmaram ter filhos, 75% delas afirmaram ter 1 filho, enquanto que 25% afirmaram ter 2 filhos conforme o gráfico (2).

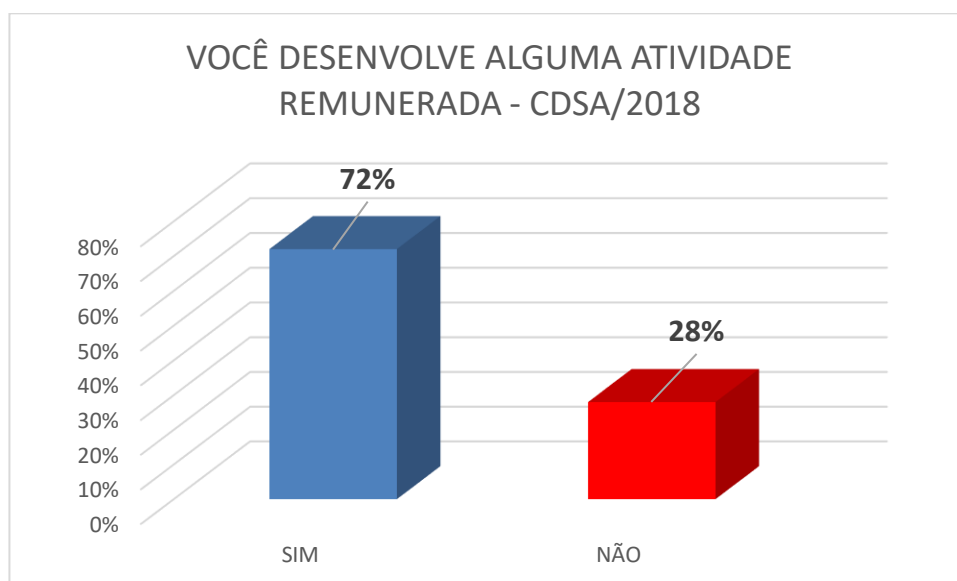
Gráfico 2 - Quantidade de filhos por mulheres– CDSA/2018

Fonte: Dados da própria pesquisa

Esta tendência da diminuição do número de filhos, especialmente, entre mulheres que trabalham dentro e fora de casa tem se mostrado nos dados oficiais do IBGE (2018), em que atualmente a taxa de fecundidade é de 1,77 filhos por mulher no Brasil. A projeção do IBGE é que em 2060, a taxa de fecundidade seja de 1,66⁴.

Com relação à ocupação, 72% das entrevistadas afirmaram que desempenham alguma atividade remunerada, enquanto 28% não como mostra o gráfico (3) Os dados nos permitem observar que 72% das entrevistadas desenvolvem três jornadas de trabalho, ou seja, trabalham em casa, na rua e ainda estudam. Enquanto que 28% estudam e cuidam dos afazeres domésticos. Assim, as entrevistadas realizam três e duas jornadas de trabalho diariamente.

⁴Dados disponíveis em: <
https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/07/25/interna_nacional,975685/ibge-em-2060-o-numero-medio-de-filho-por-mulher-devera-chegar-a-1-66.shtml>

Gráfico 3 - Desenvolve alguma atividade remunerada – CDSA/2018

Fonte: Dados da própria pesquisa

Entre as atividades remuneradas que essas mulheres realizam uma é Auxiliar Administrativa pública, uma é Secretária de uma empresa privada, uma Técnica em Prótese Dentária, duas delas trabalham com Auxiliar de Sala na educação infantil de escola pública e privada, uma Assessora Parlamentar, uma Maquiadora e uma Coordenadora de Creche. Apesar de aparentemente serem áreas distintas estas ocupações representam as profissões que tradicionalmente as mulheres ocupam no mercado de trabalho, ou melhor, são todas profissões/ocupações femininas, conforme afirma Louro (2002).

O que leva essas mulheres a se submeterem a dupla jornada de trabalho? A resposta a essa pergunta Costa *et al.* irão dizer que a dupla jornada de trabalho esta associada a sua baixa remuneração e complementam que:

[...] É razoável esse resultado, pois a maior renda permite à mulher inserida no mercado de trabalho, em princípio, contratar uma pessoa que realize boa parte dos afazeres domésticos. Ao contrário, a mulher inserida no mercado de trabalho de menor remuneração é obrigada a realizar diretamente os afazeres domésticos, sendo mais intensivamente submetida à dupla jornada de trabalho. (COSTA *et al.*, 2004. p. 47)

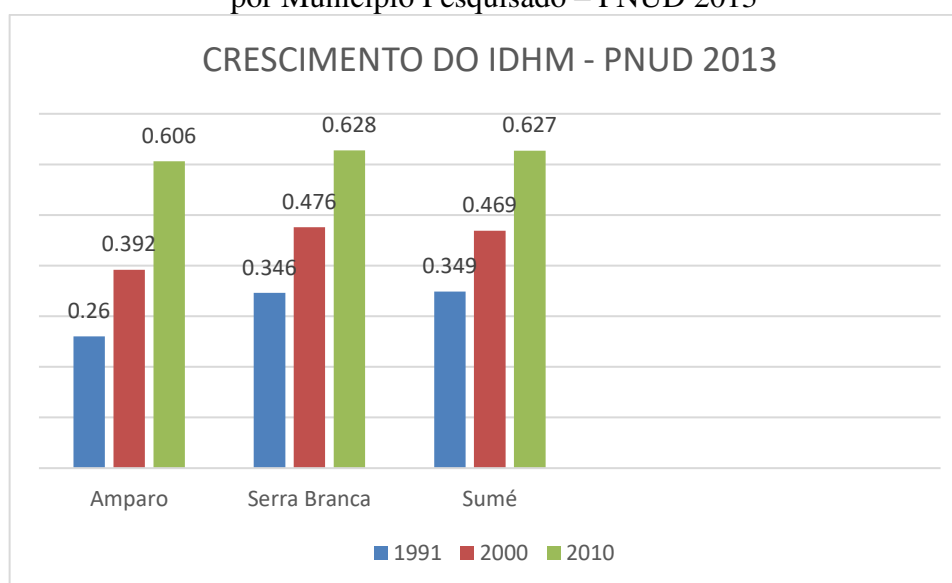
As autoras reafirmam que as mulheres cada vez mais estão investindo em sua escolarização e que desejam para si e suas filhas um bom emprego até mais que um bom partido para casar-se.

O que sabemos é que as mulheres têm investido fortemente em sua escolarização e desejam para si e suas filhas um bom emprego, muito mais do que um bom partido. Segundo a pesquisa da Fundação Perseu Abramo, se pudessem escolher livremente, mais da metade das mulheres optariam por ter uma profissão, trabalhar fora e dedicar-se às atividades domésticas e à família. (COSTA *et al.*, 2004, p. 47)

Dos cursos superiores que concluíram ou que ainda estão em andamento oito são da área de Ciências Sociais, as demais uma do Curso Superior de Gestão Pública, uma é de Agroecologia e uma Educação do Campo.

A maioria das entrevistadas é de origem humilde e advindas da zona rural, com exceção de apenas uma que relatou não ter enfrentado dificuldades na sua infância, pois o pai era Servidor Público Federal e a mãe Servidora Pública Municipal. As demais disseram que enfrentaram grandes dificuldades na infância, seus pais tinham pouca ou nenhuma escolaridade e que sofreram muitas privações e limitações no que diz respeito à alimentação, vestuário e, sobretudo educação.

Gráfico 4 – Crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano por Município Pesquisado – PNUD 2013



Fonte: Dados próprios da pesquisa.⁵

⁵ Gráfico foi construído com dados disponíveis em: <http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil_agua-branca_pb-1.pdf>

A melhoria na qualidade de vida pode ser observada de acordo com o Gráfico (4) que demonstra o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano nos municípios de Amparo, Serra Branca e Sumé.

Uma das entrevistadas (2) relatou que as melhorias na família só foram possíveis com os programas implantados pelo Governo Federal na última década, a mesma ainda falou que seus pais incentivaram muito os filhos a estudarem, mas que apenas ela conseguiu ingressar na Universidade, o que é realidade da maioria das entrevistadas, que relataram serem as pioneiras a ingressarem em um curso superior.

Um dado importante é que a maioria das entrevistadas relatou ser de origem do campo. Uma delas diz que morou toda a sua infância no campo, que só veio morar na cidade depois que foi aprovada no curso superior. Outra passou a morar na cidade depois que se casou. Já outra foi criada por avós que moravam no sítio e que por conta de problemas de saúde do seu avô migraram para zona urbana.

O que chama a atenção é o fato de nenhum dos companheiros das entrevistadas possuírem curso superior, e que a maioria dessas mulheres tem filhos, estudam trabalham fora de casa, sem falar nos afazeres domésticos, o que fica claro a força da mulher e o quanto são capazes de dar conta de tudo.

A escolaridade superior de mulheres em relação aos homens é um fenômeno nacional, segundo dados do IBGE (2014). As mulheres são maioria no Ensino Superior e são maioria a concluírem a graduação. No entanto, isso não reflete numa relação direta entre aumento da qualificação profissional e aumento dos salários das mulheres, haja vista que esta relação implica questões de gênero.

Contudo, todas elas disseram que não foi fácil conciliar vida acadêmica com a vida cotidiana, principalmente no caso das que tinham tripla jornada, as dificuldades foram muitas, como o deslocamento daquelas que moram em outros municípios.

Outra questão é a falta de assistência aos filhos e companheiro, algumas tiveram que se afastar da universidade por conta da gravidez, outra dificuldade bastante apontada foi o acúmulo de atividades acadêmicas, bem como serviços domésticos e trabalho, cansaço físico e psicológico, falta de tempo para conciliar o estudo, trabalho e as atividades domésticas.

No entanto, apesar de todas as dificuldades enfrentadas a universidade proporcionou muitas contribuições a essas mulheres. Um olhar mais crítico das coisas ampliou horizontes e perspectivas de crescimento na área profissional, ampliou a visão de mundo, conhecimento e crescimento pessoal, possibilitou qualificação para o mercado de trabalho, aspectos que

representam avanços na vida dessas mulheres, as quais muitas delas são agradecidas por poder ter a oportunidade de fazerem um curso superior, realidade que só foi possível nos últimos anos graças às políticas públicas implantadas pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que possibilitou o ingresso dessas mulheres em uma universidade pública nessa região.

Todas as entrevistadas concordam que as contribuições que a universidade proporcionou compensam sim todos os sacrifícios e esforços, visto que houve um crescimento, sobretudo pessoal dessas mulheres que com certeza não serão mais as mesmas de antes dessa experiência.

O que essas mulheres almejam ao final do curso é em primeiro lugar ingressarem no mercado de trabalho na área de formação, em seguida conseguir estabilidade financeira e colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Apesar de tudo que essas mulheres enfrentaram fica claro que não é impossível para nenhuma mulher ter uma formação superior, pois apesar de tudo é evidente o crescimento pessoal que adquirem ao longo da trajetória acadêmica.

A baixo as entrevistadas deixam mensagens de incentivo para as mulheres que desejam adentrar nesse maravilhoso e fascinante mundo de conhecimento e novas perspectivas.

Que o esforço a persistência a dedicação são as palavras chaves para o sucesso na vida acadêmica. (Entrevistada -1)

A mensagem que eu passo a todas as mulheres que pretendem ingressar no ensino superior é que vão à luta, que tentem que consigam que sejam donas de suas vidas, que nunca aceite estar sobre a sombra de ninguém, pois nos temos capacidade de serem donas de nossas vidas, de tomar a rédea de nossa vida e de tentar, se estiver difícil hoje a gente coloca na cabeça que amanhã vai esta melhor e se amanhã não estiver melhor a gente vai por cima das dificuldades, pois dificuldades existe em tudo, tudo que a gente vai fazer existe uma dificuldade, a gente nunca deve desistir no primeiro obstáculo que a vida nos proporciona, deve sim através desse obstáculo superar e tornar pessoas mais fortes, para cada dia mais ir em frente conquistando degraus maiores e quando a gente pensar que não a gente tá lá no topo, a gente já tem vencido. Muito obrigado Simone por essa entrevista maravilhosa, é um prazer estar aqui falando um pouco da minha vida para você, e o que eu poder ajudar estarei aqui a disposição e é isso. Mulheres na luta sempre, mulher no ensino superior, mulheres no exercito, mulheres no comando de avião e onde mais quer que estejam, basta só a gente querer que a gente é capaz de estar em qualquer lugar. (Entrevistada-2)

Não é impossível! Você tem a capacidade, você pode sim conseguir e lutar por aquilo que você quer independente do que você queira, não existem

limites, eu não sei qual a área pode ser qualquer área, hoje em dia não eu limito muito, pode ser qualquer área, se você se esforçar você vai conseguir fazer e você vai conseguir ter sucesso naquilo que você quer. (Entrevistada-3)

Que elas não desistam da graduação que vão até o fim, pois é a melhor coisa que elas vão fazer. (Entrevistada-4)

A mensagem é que tenham coragem, perseverança que são os ingredientes fundamentais, porque sem esses não dá para conciliar, se for nesta mesma situação que eu estou de ser mãe, de ser dona de casa, de trabalhar fora de casa e ainda ter a vida acadêmica é muito difícil, e se não tiver a força e a perseverança você não consegue atingir essa meta esse objetivo. (Entrevistada-5)

Superação perante a sua vida como também a sociedade, pois a mulher é mais forte do que se imagina e tem muito para contribuir com a sociedade. (Entrevistada-6)

A mensagem que daria para as mulheres é que, apesar de todos os preconceitos que nos passamos nós podemos chegar a qualquer lugar, que não é só porque somos mulheres que a gente tem que ficar só em casa trabalhando sendo dona de casa, do lar e etc. não, a gente tem que se capacitar para que a gente possa ter uma vida digna, para que a gente tenha uma independência financeira, para que a gente possa se impor enquanto mulher. E como a gente aprende a dar valor a nossa classe, como a gente aprende a não baixar a cabeça, a falar sobre assuntos que até então para as mulheres era muito difícil. Em fim, eu acho que é muito importante a gente procurar se qualificar não só enquanto mulher, mas enquanto pessoas, enquanto seres humanos, para que a gente possa contribuir para a nossa sociedade, em fim é de grande relevância que nós enquanto mulheres possa se capacitar e mostrar como somos importantes e capazes assim como os homens. (Entrevistada-7)

Então, o que eu tenho a dizer às mulheres que pretendem entrar no ensino superior que lutem pelos seus sonhos, não é nada fácil, mais nada é tão nosso quanto os nossos sonhos e que não desistam nunca, as dificuldades, os problemas, as pontes vão sempre existir, mais cabe a cada um de nos olhar para frente e seguir. Tem uma professora que me incentiva muito e que é um espelho para mim hoje continuar na universidade é Sheylla Galvão, a qual admiro muito, sinto muito orgulho dela, vejo que a historia dela teve muitas barreiras, mais ela se tornou um exemplo de professora para muitos, inclusive para mim, é onde penso que ainda posso voar, voar, voar. Eu quero deixar essa mensagem para aqueles que ainda pensam em entrar na universidade que não desista nunca, que os sonhos são nossos e o que é nosso ninguém tira. Cabe a cada um de nos conquistar. Um abraço. (Entrevistada-8)

Que mesmo com os obstáculos que aparecem em nossas vidas, não desistam de se aperfeiçoar em seus projetos acadêmicos. (Entrevistada-9)

A minha mensagem é que lute insista e persista, pois dificuldades sempre iram surgir à vida é cheia de labutas diárias que se pensarmos no nosso próprio umbigo não daremos um palmo a distância. (Entrevistada-10)

Nunca desistam no primeiro obstáculo e olhem para seus filhos e vejam a força e a esperança para lutar por um mundo melhor. (Entrevistada-11)

Apesar do método de análise dos dados escolhido para o desenvolvimento deste trabalho ter sido a História Oral, em que a fala dos entrevistados é transformado em texto pelo pesquisador, num processo que compreende a transcrição, a textualização, até chegar na transcrição, que a apropriação por parte do pesquisador da fala do entrevistado, encerramos esta seção com a fala das próprias entrevistadas a respeito da expectativa com relação ao trabalho e do incentivo para que outras mulheres também possam trilhar o mesmo caminho de luta e resistência para romper com as desigualdades de gênero, as quais as mulheres no Brasil estão sujeitas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero no Brasil é um problema nacional. Contudo, em regiões mais atrasadas do país, como é o caso da região Nordeste, isso fica mais evidenciado. Numa região que a baixa escolaridade ou a escassez de emprego atinge a todos os moradores, sejam homens e mulheres, a situação para as mulheres tende a se agravar.

Diante do atual discurso misógino adotado pelo atual e pelo próximo presidente da República, não há dúvida que a identidade feminina seja um projeto que está sendo atacado e reconstruído a passos lentos e que, pelo desenrolar dos acontecimentos, ainda requer muito tempo para ser concretizado, pois na sociedade em que vivemos não se aceitou, ou melhor, não quer se aceitar o fato das mulheres desfrutarem dos mesmos direitos que os homens. O que se torna contraditório é que ainda há muitas mulheres que carregam o sentimento machista, mas a culpa não é delas, pois elas foram criadas e ensinadas dessa forma. Acredito que só com conhecimento e com informações aos poucos essa realidade irá se transformar. Só nos resta lutar!

Como mostra a pesquisa não é uma tarefa nada fácil para as mulheres conciliar trabalho, estudo e afazeres domésticos, as entrevistadas relataram que uma das maiores dificuldades enfrentadas foi a falta de tempo para conciliar tudo, muitas se queixaram sobre a falta de assistência aos filhos e marido, outras tiveram dificuldades com a gravidez, o acúmulo de atividades acadêmicas, cansaço físico e psicológico também são fatores muito apontados pelas entrevistadas, e para as que moram em outros municípios o deslocamento também dificulta bastante.

Diante dos fatos a pesquisa confirma que mesmo na atualidade a mulher ainda é muito sobrecarregada pelos cuidados com a casa e criação dos filhos. Estudos apontam que cada vez mais aumenta o número de mulheres chefiando suas famílias, apesar de toda essa sobrecarga segundo o IBGE há mais mulheres buscando e se formando no ensino superior que homens.

A temática apresentada abrange vários pontos importantes que abre espaço a novos questionamentos, a exemplo a mulher ser maioria no ensino superior entre tantos outros questionamentos que sem dúvida renderia novas pesquisas.

Este trabalho é de grande importância para a Sociologia, pois podemos observar que a maioria das entrevistadas são estudantes das Ciências Sociais e por ser um tema que envolve o estudo de gênero, tema este de grande relevância para essa área de conhecimento.

Outro elemento é a possibilidade de pensar de forma crítica e refletir sobre a sua própria realidade. O que pode parecer trivial ou cotidiano torna-se, por meio da utilização ética e fidedigna de métodos de pesquisa, um mecanismo de visibilidade das problemáticas referentes à desigualdade de gênero enfrentada pelas mulheres da região.

Em outra perspectiva, o Cariri Paraibano foi contemplado com um campus da UFCG. Uma Universidade Federal em uma região pobre como o cariri tem reacendido o debate, especialmente diante da conjuntura política atual, da conversão não em direito, mas em privilégio e, para poucos.

Compartilhando a idéia de que os trabalhos acadêmicos também tem a função social de traçar um diagnóstico situacional sobre o fenômeno e/ou a população estudada, bem como possuem a possibilidade de propor soluções para os problemas enfrentados fica aqui o meu desejo de que mais pessoas, sobretudo mulheres, aproveitem ao máximo a oportunidade de ter uma Universidade pública a sua disposição. Assim, espero que este trabalho colabore de alguma forma para que mais pessoas venham beber da fonte do conhecimento que o CDSA/UFCG proporciona.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Carmem Lucia de Melo. MELLO, Guiomar Namó de. **O Acesso da Mulher no Ensino Superior Brasileiro**. Caderno de Pesquisa/15. 1975.

BRASIL-CIDADE. Município de Sumé. Disponível em: < <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sume.html>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

BRUSCHINI, Cristina. “Trabalho Doméstico: Atividade Econômica ou Trabalho Não-Remunerado?”. **Revista Brasileira Estudos Populares**. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006

BRUSCHINI, Cristina. LOMBARDI, Maria Rosa. “A Bipolaridade do Trabalho Feminino no Brasil Contemporâneo”. *In*: Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 67-104, julho/ 2000.

BUTTO, Andréa. “Gênero, Trabalho e Família”. *In*: FARIAS, Nalu. BORBA, Ângela (Orgs.) **Mulher e Política: Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. V. 01, p.71-84.

COSTA, Analice. BEZERRA, Maria Ednalva. OLIVEIRA, Eleonora Menecucci de. SOARES, Vera (orgs.). **Reconfigurações das Relações de Gênero no Trabalho**. *In*: São Paulo: CUT, 2004.

DEDECCA, Claudio Salvadori. “Tempo, Trabalho e Gênero”. *In*: V.1 –27.Janeiro .04. Disponível em: < www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/nota_tecnica_tempo_trabalho_e_genero.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

GODINHO, Tatau; RISTOFF, Dilvo; FONTES, Ângela; XAVIER, Iara Moraes; SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno (Orgs.). **Trajetória da mulher na educação brasileira, 1996-2003**. Brasília: INEP, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. “Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD)”.*In*:Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>

_____. **Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil**. Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG), 2014. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=sobre>> Acesso em: 22 de setembro de 2018.

LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, sexualidade e educação: Uma Pesquisa Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Gênero, História e Educação**. Educação e Realidade. pg. 101-132, jul/dez, 1995.

_____. “Mulher e Trabalho: Engenheiras, enfermeiras e Professoras”. *In: Caderno de Pesquisa*. São Paulo. Nº 27.1978.

_____. “Mulher na Sala de Aula”. *In: PRIORE, Mary Del. (org.) História das Mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 443-481.

_____. “Gênero: questões para a educação”. *In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.) Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAGEM DE DOMICÍLIO (PNAD). Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil 1992-1997. IBGE. 2015. Disponível em: <http://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/mapa_mercado_trabalho/notastecnicas.shtm> Acesso em 05/12/2018.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. “Mulheres educadas na colônia”. *In: VEIGA, Cynthia Greive. LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. 500 anos de educação no Brasil*. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

SCOTT, Joan. “Gênero como uma categoria útil para análise”. *In: Educação e Realidade*. Porto Alegre: 15(2), pp. 5-22, jul/dez 1990.

SOUSA, Marlise Ferreira. “Mulheres ‘Chefes de Família’ e o Novo Enfoque Social e Político da Condição Feminina na Estrutura da Proteção Social Brasileira”. *In: Curso de Atualização em Serviço Social*. Rio de Janeiro. 02 de fevereiro de 1999. (mimeo)

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Simone Rodrigues Amaro, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus – SUMÉ-PB, pretendo desenvolver uma pesquisa com mulheres estudantes da referida instituição, intitulando **A MULHER NO ENSINO SUPERIOR**, com o objetivo de analisar o processo de inserção e permanência das mulheres, de modo especial às mulheres que trabalham que são donas-de-casa, esposas e mães que ingressaram no Ensino Superior na região do Cariri Ocidental Paraibano, com o propósito de saber quais os desafios que essas mulheres enfrentaram ou enfrentam, para concluir o Ensino Superior nessa região.

O motivo da pesquisa se dá pelas extremas exigências que esse nível de ensino requer, portanto, a finalidade da pesquisa será analisar como essas mulheres conciliam a vida acadêmica com a vida cotidiana, e se para elas compensa todos os esforços, sacrifícios e renúncias que o mundo acadêmico exige.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, pois não acarretará qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

Atenciosamente,

Sheylla de Kassia S. Galvão
Fone: (83) 3353.1850

Consentimento do voluntário.

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

_____, ___/___/____

Assinatura do Participante

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Simone Rodrigues Amaro. Rua Braz Travassos, Nº 28 – Sumé-PB – CEP 5854-000 – Telefone para Contato: (83) 9 9935-5589
E-mail: Simone_3120@hotmail.com

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO – CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACIS

MULHER, TRABALHO E ENSINO SUPERIOR NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - QUESTIONÁRIO

PARTE I – DADOS SOCIOECONÔMICOS

1. NOME:
2. IDADE:
3. ESTADO CIVIL:
4. TEM FILHO?
5. SE SIM, QUANTOS?
6. QUEM MORA COM VOCÊ?

PARTE II – QUESTIONÁRIO

7. VOCÊ DESENVOLVE ALGUMA ATIVIDADE REMUNERADA?
8. SE SIM, QUAL?
9. QUAL O CURSO SUPERIOR QUE ESTAR CURSANDO OU QUE JÁ CONCLUIU?
10. FALE-ME DE SUA FAMÍLIA, DE SUAS ORIGEM E SUAS DIFICULDADES SOCIOECONÔMICAS:
11. E SUA FAMÍLIA ATUAL?
12. COMO SE DEU SEU INGRESSO NA UNIVERSIDADE?
13. COMO VOÇÊ CONCILIA (OU CONCILIAVA) SUA VIDA ACADÊMICA COM A VIDA COTIDIANA?
14. VOCÊ ENFRENTOU DIFICULDADES PARA REALIZAÇÃO DO SEU CURSO SUPERIOR?
15. SE SIM, QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES QUE ENFRENTOU?
16. A UNIVERSIDADE LHE PROPORCIONOU ALGUMA CONTRIBUIÇÃO?
17. SE SIM, QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A UNIVERSIDADE LHE PROPORCIONOU?
18. OS BENEFÍCIOS TRAZIDOS PELA UNIVERSIDADE COMPENSAM OS INÚMEROS SACRIFÍCIOS QUE DEMANDA A VIDA ACADÊMICA?

19. QUAL O SEU MAIOR DESEJO AO CONCLUIR A GRADUAÇÃO?
20. VOCÊ CONSIDERA QUE VALEU O ESFORÇO PARA CONCILIAR VIDA ACADÊMICA À VIDA FAMILIAR?
21. QUAL MENSAGEM VOCÊ DARIA AS MULHERES QUE PRETENDEM INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR?